

VASCO PEZZI

DISCURSO

(Pronunciado na noite de 25 de fevereiro de 1950, no banquete oferecido a S. Excia. o General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, por ocasião das comemorações da Festa da Uva, em Caxias do Sul.)



1950



Dr. Vasco Pezzi, no momento em que pronunciava o seu empolgante discurso no salão do Clube Juvenil, durante o banquete de 25 de Fevereiro.

Uma das notas culminantes dos festejos de Caxias do Sul foi, sem dúvida, o banquete oferecido ao chefe da Nação pelas classes produtoras daquela região. Saudado pelo Governador Walter Jobim o general Eurico Dutra pronunciou bela oração que foi muito aplaudida. Mas o discurso que despertou o maior interesse da noite foi o do dr. Vasco Pezzi, que se dirigiu ao Chefe da Nação interpretando o pensamento das Associações de classe dos dez municípios da Encosta da Serra, a grande região vinícola do Rio Grande do Sul. Eis, na íntegra, a brilhante oração do dr. Vasco Pezzi:

Exmo. Sr. Presidente da República.

Entre as altas preocupações que têm orientado a ação do Governo de V. Excia., sobreleva o estímulo que vem dedicando ao desenvolvimento econômico das células administrativas representadas pelos municípios.

O Rio Grande do Sul, à semelhança das demais unidades federativas, acompanha e louva a obra dos Governantes, cujos pensamentos se aprofundam e interiorizam para acudir às necessidades e coordenar os meios de progresso de todos os recantos do território brasileiro, à luz de uma sábia política que vise aplicar esforços e recursos para que o país cresça como um todo.

Política centripeta que, se dirigindo aos municípios procura diretamente, as fontes da vida nacional para ampará-las, ampliá-las e revitalizá-las no curso de sua evolução natural, permitindo-lhes, assim, maior soma de iniciativas.

Saudando Vossa Excia. em nome das Associações de Classe dos dez municípios que compõem esta belíssima e próspera região, investido da responsabilidade de ser, no momento, o interprete de centenas de milhares de conterrâneos perante o mais alto magistrado da Nação, quero, antes e acima de tudo, ressaltar a importância invulgar da proliferação municipal na zona nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ela se verifica como uma característica de concentração demográfica e agrícola que nos proporcionaram uma exuberante vida econômica, consolidada, desde logo, pela indústria transformativa e manufatureira e pela circunstância — que entre tôdas avulta — de aqui se acharem sediados todos os estabelecimentos venícolas do Rio Grande do Sul. Em razão destes fatores, puderam expandir-se as circunscrições administrativas, multiplicando-se o número das comunas, pois, de três que eram ao tempo da Proclamação da República, são hoje dez, a documentar a fertilidade e o rendimento da produção, céleremente desdobrada ao impulso da palpitação econômica que nos transmitiram os nossos maiores, colonizadores destes rincões, distribuídos entre serras escarpadas e vales profundos e amováveis, de cujas florestas magestosas sobressaía, no espaço, a soberana araucária, sorrindo ao sol, absorvendo a chuva e desafiando o vento.

A exuberância da floresta, dominada então pelos caaguas e guaianazes, atestava a vitalidade do solo virgem e pródigo. Então, não se ouviam os ruídos que hoje são o nosso orgulho. A quietude dos vales, só era perturbada pelo silvar das fléxas traiçoeiras e pelo bramar das onças malhadas...

A essa região, sobremodo agreste, chegaram em 1875 aqueles a quem o destino reservára a travessia do oceano para, sob a égide do trabalho, formarem no além-mar — longe da península luminosa e fulgurante onde nasceram — uma civilização que para sempre proclamará as altas virtudes da eficiência, do gênio

criador, da capacidade de assimilação e denodo do colono italiano no Brasil.

Se esta região alcançou integrar-se, em apenas três quartos de século, num sistema econômico adiantado, mercê do que aqui foi possível realizar, devemos agradecer ao Omnipotente não só pela fartura da terra que Ele nos reservou para viver, mas, igualmente, pelas virtudes dos que a ela foram atraídos e nela mourejaram, identificados com os que a eles posteriormente se agregaram, no generoso ideal de vê-la prosperar e com a sua prosperidade, contribuir para a maior grandeza nacional.

A população de origem itálica, que o tempo radicou nestes extensos rincões gaúchos, responde pelo esplendor de sua formação histórica.

Os **contadini** fundaram e organizaram **i suoi paesi** sob a deslumbrante paisagem brasileira, transportando para os trópicos a doçura dos capiteis votivos e a beleza tranquila dos campanários... Corresponderam ao convite da natureza dadivosa com a operosidade de seu engenho. As mãos criadoras que plasmaram a riqueza e o conforto da região da Entosta da Serra, pertencem a uma admirável galeria de pioneiros — nossos avós e nossos pais — associados à história de todos os municípios que formaram, marcando, indelevelmente, sua passagem em todos os setores da cultura econômica, intelectual e social.

Venceram, porque trabalharam.

Povoadores intrépidos, orgulhamo-nos deles a simples evocação de sua aventura desmedida, transformando as florestas que cobriam as aclives em roças fartas de milho e outras culturas, semeando vales, levantando cidades e instalando fábricas. Seus nomes ecoarão perenemente neste altiplano da Serra do Mar, perpetuados na pujança de sua obra, em que demonstraram confiança no futuro da terra que adotaram como um segundo lar e uma segunda pátria, mas à qual deram o máximo que deles se poderia desejar: seus filhos. E lá na longínqua Pistoia, na singeleza peculiar aos cemitérios de guerra, repousam os corpos de inúmeros expedicionários de origem itálica que, como heróis, morreram pelo Brasil, lutando nos campos de batalha da pátria de seus antepassados.

Sr. Presidente — a presença de Vossa Excia., honrando pela vez primeira com o comparecimento do Chefe da Nação, a nossa "FESTA DA UVA", assinala-a indelevelmente.

Nos fastos marcantes da cidade de Caxias do Sul e na história que se fará das Festas da Vindima, a visita de Vossa Excia. será o nosso orgulho, já que representa o "climax" da nossa aspiração. A Festa da Uva em síntese nada mais é do que a consagração do trabalho da vindima, quadro de voluptuosa fartura sob as cintilações do verão, rítmado pelo canto das cigarras e tantas e tantas vezes decantado pela sensibilidade dos poetas e cronistas líricos. Realmente, a natureza poucos espetáculos nos pôde oferecer mais belos e contagiantes, mais inspiradores em suas formas e colorido do que a colheita da uva, à qual, tradicionalmente, se associam a alacridade e a graça das nossas mulheres camponesas. Festa tipicamente regional e interrompida por conhecidos fatores desde 1937, é o acontecimento máximo do Rio Grande colonial italiano. Ao promovê-la não nos move o desejo malsão de desperdício, como poderia ocorrer aos menos avisados, mas, a preocupação de atrair para o nosso "habitat" altas autoridades e ínsignes personalidades de todo o país, para que **de visu** apreciem a exposição de nossos produtos agrícolas e manufaturados.

O produto deste nosso trabalho perseverante e diuturno representa uma das forças de manutenção e alento da economia brasileira.

Em verdade, há quatro décadas a incipiência da indústria vinícola e o atraso da técnica então empregada, nos impossibilitavam a apresentação de um produto correto. Não dispunhamos sequer de uvas adequadas à indústria do vinho.

Possuíamos uma única variedade — a Isabel — e com ela, fruto de nosso engenho, manipulávamos os mais variados tipos de vinho. No afan de melhorar a substância do vinho riograndense e aumentar o seu consumo, fomos substituindo as videiras antigas por viníferas nobres, umas específicas e outras indispensáveis para o "corte".

Assim, a viticultura grandemente desenvolvida passou a ocupar posição relevante no conjunto das atividades produtivas do Rio Grande. Paralelamente, incrementamos a produção vini-

cola, melhorando a sua qualidade, num esforço gradativo, persistente, na aplicação da técnica agrícola industrial mais adiantada.

O nosso vinho, o vinho do Rio Grande, mau grado a campanha subreptícia que se fez, impôs-se definitivamente, nos mercados consumidores no país, satisfazendo hoje ao mais experimentado "gourmet".

Aperfeiçoando, assim, de ano a ano o nosso vinho, a marcha de nossa exportação para outros estados da Federação alcançou, em 1945, a casa dos 600 mil hectolitros, quantidade esta que corresponde a cerca de três quartas partes da produção regional.

Ao findar a última guerra mundial, a produção brasileira de vinho atingia a cifra de 850 mil hectolitros. Circunstâncias de origem climatérica adversas, nos impuseram em 47 a interrupção do ritmo ascensional da produção, que obstinadamente procurávamos manter. Em 1948, porém, recuperávamos a queda da produção com um montante de 1.100 mil hectolitros, ou seja, 30% a mais do que o produzido no último ano de guerra.

Somos, indiscutivelmente, os maiores produtores do vinho brasileiro, e consoante as estatísticas fornecidas pelo Conselho do Comércio Exterior contribuimos com 78% da quantidade e 76% do valor da produção nacional. E no Rio Grande, Sr. Presidente, a região que Vossa Excia. distingue com sua presença, ufana-se de centralizar o desenvolvimento da indústria vinícola, mercê do qual se transformou este recanto uberrimo, beneficiado, de resto por um clima suave e ameno, em munípios florescentes que galgam, velozmente, a plenitude de suas possibilidades naturais.

O poder econômico desta região é atestado pelas elevadas contribuições com que concorrem para os cofres públicos os municípios que a constituem.

Tomando por base as últimas estatísticas publicadas e relativas ao exercício fiscal de 1948 a União arrecadou Cr\$ 57.342.502,00, o Estado Cr\$ 47.397.663,00 e os municípios em conjunto Cr\$ 24.549.986,00, formando um total de Cr\$ 129.290.331,00.

Sem dúvida, que esta arrecadação não é fruto exclusivo da vide e do vinho, mas resultante de uma posição industrial e agrícola que se vem destacando dentro do Rio Grande.

Bento Gonçalves — nosso irmão gêmeo, cujo vertiginoso progresso tem estimulado Caxias, pois se disputa entre ambos a hegemonia da região colonial.

Antonio Prado e Veranópolis — municípios eminentemente tritícolas, que muito têm cooperado na patriótica campanha de cultivo do mais nobre dos cereais.

Farroupilha e Flores da Cunha — produtores das melhores uvas de toda a região, mórmente das castas superiores.

Garibaldi — o pioneiro do Champagne brasileiro.

Guaporé — detentor do primado na suinocultura riograndense.

Nova Prata — a maior reserva florestal da região.

Encantado — possuidor de extensos ervaais que o classificam em primeira plana entre os municípios produtores de mate. Esta fonte de produção, dada a característica do chimarrão, o torna o mais gaúcho dos municípios da região colonial.

Finalmente, Caxias, sobretudo, esta nossa Caxias colonial de ontem, de cujo nome tão caro a Vossa Excia., honrado, ilustre e digno militar que é — devemos ter herdado, por certo, por bondade da Divina Providência, a perseverança no trabalho, a íntima satisfação no cumprimento do dever e o devotamento aos altos destinos do nosso Brasil — sobrepujou-se, irradiando-se numa impressionante variedade de indústrias. Já não é mais a "Perola das Colônias", como a denominou na sua infância, Julio de Castilhos, mas a "Metropole do Vinho", designação que a orgulha e não a envaidece.

A exposição que V. Excia. acaba de inaugurar, montra que é de labor da nossa gente, dispensa as minhas palavras, desprovidas de poder descritivo. A materialidade dos nossos produtos manufaturados e disseminados por todo este nosso Brasil, fala mais alto e com mais eloquência do que o poderia fazer a minha pobre palavra que o vento leva e o tempo apaga...

Sr. Presidente.

O encanto de nossa cidade pequenina, mas, para nós grandiosa, cujo progresso vem atraindo, ininterruptamente, a afluên-

cia de patricios ilustres e até eminentes autoridades estrangeiras, tem provocado conceitos que muito nos lisongeiaram. Nos lisongeiaram e nos definem. Quero lembrar, particularmente, já que comemoramos o 75.º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul, o que, certa vez, foi dito desta região: acha-se ela construída sobre duas cordilheiras: a da natureza e a do esforço dos colonizadores. Não se poderia ser a um tempo mais conciso, nem mais verdadeiro.

Dirigindo-me a V. Excia. por delegação das Associações de Classe dos dez municípios da Encosta da Serra, quero transmitir-lhe, Sr. Presidente, os nossos sentimentos com relação à personalidade marcante de V. Excia. e à obra de seu governo, cujos influxos estimulam, indiscriminadamente, em todos os recantos da Pátria, o animo de bem servir ao Brasil na medida plena da capacidade de cada um, para vê-lo enquadrado nos seus altos destinos e realizado nos seus incomensuráveis recursos. Esta a significação da presença de V. Excia. em nosso Estado, na ocasião mais grata para nós, trazendo-nos a solidariedade que muito nos desvanece, ao esforço que dispendemos e asseguramos aplicar sempre, mais e melhor, para o alevantamento da produção nacional, fator primeiro da criação de condições econômicas que reünam o bem estar social ao progresso material, abrindo a todos os brasileiros o caminho de seus mais puros ideais, sob a inspiração do trabalho construtivo e consciente.

Separata do n.º 319, Março,
de NAÇÃO BRASILEIRA

